CONHECIMENTO TRADICIONAL HALITI - PARESI: ENCONTROS E DESENCONTROS EM PERÍDODO DE COVID-19

Pedro Nazokemai (PPGECII/UNEMAT) - pedro.nazokemai@gmail.com
Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira (PPGECII/UNEMAT) - waldineiaferreira@hotmail.com

GT 4: EDUCAÇÃO E POVOS INDÍGENAS

Resumo:
Este artigo traz uma reflexão da prática pedagógica com o conhecimento tradicional Haliti-Paresi, os desafios e as dificuldades iniciadas na continuidade das aulas, por causa da pandemia da Covid- 19. Existem formas de pensar diferente dentro da aldeia, mas a escola tem o objetivo de desenvolver um trabalho que fortaleça a cultura *Haliti*-Paresi, mesmo em tempos de pandemia. Nesse contexto, o esforço é manter de fato a cultura tradicional, a língua, lembrando que não só a comunidade tem responsabilidade nisso, mas também a escola tem um trabalho importante a fazer. Compreendo que através da escola podemos trabalhar e fortalecer os conhecimentos tradicionais do povo *Haliti*-Paresi e a política étnica.

Palavras-chave: Haliti Paresi. Educação Escolar Indígena. Covid 19.

1 Introdução

Neste artigo, apresento uma reflexão sobre a prática pedagógica que deve ser trabalhada nas escolas indígenas H*aliti-Paresi*, práticas da pedagogia indígena que muitas vezes são esquecidas por influência dos pais e professores, os quais preferem uma educação bancária (Freire, 2005) e ocidentalizada. Justificam muitas vezes que a escola da aldeia é muito fraca, os professores ensinam somente a língua materna, os conteúdos estão centrados na nossa própria cultura e afirmam que precisamos aprender a língua portuguesa, a matemática para defender o nosso direito e competir com a sociedade envolvente. São essas palavras usadas para fazer críticas. Essas opiniões me levam a refletir por que algumas pessoas da comunidade não acreditam na escola da indígena? O que faz com que os pais levem os alunos indígenas para frequentar escola na cidade, mesmo enfrentando preconceito e descriminação? Quando voltam tem outras concepções.

Situações como essas que exponho, muitas vezes, abrem o caminho da exploração das terras tradicionais que são defendidos pelas lideranças tradicionais, um legado deixado conquistado pelos caciques e lideranças que não estão mais entre nós. Sem perceber, contribuem para o enfraquecimento cultural. A maior preocupação está na ameaça da língua materna, tão fundamental na sobrevivência de um povo. O povo que não fala mais a língua materna (porque foram obrigados e/ou sofreram etnocídio linguístico) e não pratica mais sua crença e cultura é um povo sofrido, massacrado em termo de identidade étnica.

Para chegar onde quero frisar, fiz esta breve introdução, para falar exatamente o contexto do uso do conhecimento tradicional na escola, assegurado na Constituição Federal de 88 no artigo 210, que diz “aos processos próprios de aprendizagem” na LDB artigo 2 diz “pluralismo de ideia e concepções pedagógicas”. Está na lei, mas há dificuldade de reconhecimento por parte de gestores de Secretarias Educacionais Federal, Estadual e Municipal, que não reconhecem a educação específica e diferenciada.

2 A importância dos conhecimentos tradicionais Haliti-Paresi

Os conhecimentos tradicionais são milenares e são repassados de geração a geração, mas constantemente, está se apagando, sumindo, por vários motivos: os anciões estão indo para mundo celestial; os jovens têm se preocupado em aprender os conhecimentos da sociedade envolvente; os casamentos interétnicos com o uso da língua portuguesa como mediadora na comunicação; a entrada de objetos que não faziam parte da vida cotidiana do povo; a tecnologia com informações e língua portuguesa constante dentro das casas *Haliti*, e a própria história são os fatores que contribuem para as mudanças que vêm ocorrendo na comunidade.

Atualmente, tem sido difícil manter os conhecimentos tradicionais, há conflitos internos nesse sentido, pois essa situação e mudanças colocam em risco o povo *Haliti-Paresi.* Há decisões tomadas que se distanciam dos conhecimentos tradicionais, visões diferentes, que não contribuem para a defesa do território, da educação específica, da saúde. Menciono um grupo que foi cooptado e pensa somente em agro, um dos fatores da desunião entre o povo na atualidade.

Como educador indígena de família de linhagem de grandes lideranças, quero dizer que acompanhei as lutas e conquistas do meu povo, a luta de pessoas como João Arrezomãe, Daniel Matenho Cabixi e Acelino Noizokae. Faço destaque e chamo atenção para fazer a reflexão ao povo *Haliti* no contexto desse artigo. Eu me preocupo com as ameaças à nossa língua, com a manutenção dos nossos rituais, com as construções tradicionais das nossas casas, me preocupo com a continuidade do povo *Haliti*-Paresi.

Nesse contexto, o esforço é manter de fato a cultura tradicional, a língua, lembrando que não só a comunidade tem responsabilidade nisso, mas também a escola tem um trabalho importante a fazer. Compreendo que através da escola podemos trabalhar e fortalecer os conhecimentos tradicionais do povo *Haliti*-Paresi e a política étnica.

Como prática pedagógica para este artigo, escolhi a importância de fortalecimento e existência da *hati* (casa tradicional). Uma temática voltada para a nossa realidade que traz consigo, não apenas a questão da arquitetura, mas também espiritualidade e práticas dos rituais. Segundo os pajés, os anciões e os arquitetos tradicionais, a *hati* (casa tradicional) é insubstituível por ser um ambiente de respeito e benção, ensinamento e conhecimento da pedagogia *Haliti*-Paresi. É na *hati* que os espíritos dos nossos antepassados e os espíritos da natureza abençoam as famílias. Com isso, deve-se aprender e seguir normas e regras exigidas na cultura que se inicia com a escolha do local de construção até a sua finalização.

> A hati (casa tradicional) do povo Haliti -Paresi é essencial na cultura deste povo por ter um significado muito forte no contexto sociocultural, porque é através da hati que ocorre os rituais, as crenças, as festas tradicionais da menina moça, do batismo, a pajelança, o ritual de sepultamento, cântico cerimonial, as rezas, atos de benzer, contação ou narração de histórias, organização social, o casamento e outro elementos que estão diretamente vinculados a hati (NAZOKEMAI e PEREIRA, p. 77, 2021).

É preciso continuar mantendo de fato a essência, o significado, a língua e a cosmologia do povo *Haliti*, e a escola pode ser um lugar de potencialização da cultura e das reflexões que ocorrem diante do contexto atual.

3 Trabalhar os conhecimentos tradicionais na sala de aula

Os conhecimentos tradicionais podem assumir o lugar da transversalidade ou ser conteúdo específico de uma disciplina. Neste caso, o tema transversal é o conhecimento tradicional (todas as implicações culturais) e o conteúdo é a *hati*. O trabalho foi desenvolvido com os estudantes das séries iniciais da Escola Municipal Indígena Zozoiterô, no interior da do componente curricular de geografia. O desenvolvimento da prática pedagógica teve como objetivo reconhecer a importância da *hati* para povo *Haliti* como um conhecimento tradicional observando regras, normas, o ambiente e os saberes do povo. Nesse trabalho previu-se a participação efetiva dos anciãos, o diálogo com os construtores de *hati*. Considero que é muito importante convidar os anciões a participar da aula para compartilhar o conhecimento e auxiliar no aprendizado dos alunos.

Metodologicamente, já é prática da pedagogia indígena, a organização era para que os alunos se colocassem no processo da escuta e utilizassem caderno, lápis, borracha, caneta, pincel atômico, cartolina para as produções de textos, desenhos com a aprendizagem junto aos anciãos. Tudo estava preparado, tudo estava planejado.

4 Dificuldades e desafios para desenvolver o trabalho

Depois do planejamento, de toda a preparação aconteceu o imprevisto inesperado e o planejamento foi mudado totalmente, pois as atividades escolares foram paralisadas. Isso aconteceu de forma planetária, fomos paralisados, surgiu o desespero com a pandemia da Covid-19, desespero e tristezas no Brasil e nas nossas aldeias. Fatos tristes aconteceram com as populações indígenas e a cada dia acompanhávamos pelos noticiários de jornais na TV e demais meios de comunicações, e vivíamos em nossas aldeias também essa triste realidade.

Vivemos e ainda estamos vivendo esse tempo, como se fosse o fim do mundo, vidas sendo ceifadas pelo vírus. Parece a filme onde o mundo parou. No Brasil, nas aldeias indígenas, na minha aldeia não foi diferente, paralisou tudo.

As instituições indígenas, junto aos órgãos competentes da saúde, educação e representantes indígenas, reuniram e criaram o protocolo de medidas de enfrentamento a pandemia da Covid-19 no território indígena do povo *Haliti-Paresi*. A partir dessa reunião, conforme o decreto municipal e parecer do secretário municipal de educação, junto com o coordenador pedagógico da Educação Escolar Indígena e os demais coordenadores locais que representam os quatro polos e sua extensão, decidiram que iriam dar continuidade aos trabalhos de forma remota.

Nós, professores/as da escola Zozoiterô, decidimos produzir a nossa cartilha de acordo com a nossa pedagogia. Essa metodologia permaneceu durante todo o ano de dois mil e vinte e foi estendida para esse ano de 2021. Foi a forma de fazer atendimento aos alunos, produzindo materiais específicos e de acordo com a faixa etária; esse foi o primeiro desafio. No primeiro momento, não foi fácil, enfrentamos várias dificuldades para colocar em prática o nosso trabalho, pois a escola atende alunos que moram em várias aldeias, umas distantes das outras em torno de 10, 20, 30 a 50 km. Fizemos o acompanhamento dos nossos alunos sem nenhuma condição de apoio, como o transporte, por exemplo. Foi complicado para alguns pais compreenderem que tinham que acompanhar o estudo dos filhos, ainda assim o momento exigia que houvesse uma rede de solidariedade e apoio de todos os *Haliti*. Outro desafio que surgiu foi a questão do meio de comunicação, através da internet, porque nem todas as aldeias tem internet, ou o sinal é péssimo, mesmo tendo todos esses obstáculos estamos realizando as atividades.

Esperava um retorno à normalidade, mas o aumento do contagio do vírus fez com que esse tempo fosse a vivência de uma longa experiência, e o distanciamento tem sido uma

dificuldade, o planejamento da *hati* ficou adiado, pois só é possível viver essa aprendizagem com contato, com a oralidade dos anciãos, com a observação dos construtores de *hati*. Realizar um ensino específico, diferenciado, bilíngue, comunitário conforme desejamos e aponta (BRASIL, 1988) e ainda fazer o uso da língua materna é mais significativo de forma presencial, com diálogos, com escuta dos anciãos.

5 Considerações finais

Esta reflexão aponta as mudanças nos planejamentos, em decorrência da Covid-19. Continuamos as aulas, porém, constituíram-se em desafios, dificuldades e aprendizagens, mas saliento que para os *Haliti*-Paresi a oralidade, o estar junto é muito importante.

Um dos pontos importantes foi concretizar a produção de material didático, cartilha, apostilas para trabalhar com os alunos em estado de distanciamento. Outro ponto importante é que os materiais escritos pelos professores tiveram como temas centrais os aspectos da cultura *Haliti.* O ensino e saberes tradicionais devem sempre estar presentes nos currículos da escola indígena, as práticas pedagógicas são de responsabilidade dos professores *Haliti* em tempo de pandemia ou não. Ainda assim, saliento que o trabalho presencial é fundamental nas escolas indígenas e, a *hati*, enquanto prática pedagógica segue suspensa até que possamos trabalhá-la.

6 Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

NAZOKEMAI, Pedro & PEREIRA, Lisanil da Conceição Patrocínio. **ARQUITETURA INDÍGENA HATI: A casa Haliti Paresi** In Revista de Comunicação Científica –RCC, Jan./Maio, Vol. I, n. 7, pgs. 73-79, 2021. ISSN 2525-670X.